

Práticas e normas sexuais de jovens brasileiros*

Maria Luiza Heilborn⁻
Cristiane S. Cabral^S

Palavras-chave: Juventude; práticas sexuais; valores sobre sexualidade.

Resumo

A partir dos dados do inquérito domiciliar (Pesquisa Gravada) realizado com jovens de ambos os sexos de 18 a 24 anos (n= 4634) e residentes em três capitais brasileiras, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, descrevem-se as atitudes diante de temas relativos à sexualidade bem como as práticas sexuais dos jovens. O conjunto de opiniões acerca da sexualidade (fidelidade, homossexualidade, “necessidade sexual” e masturbação) é contrastado com o cenário das relações de gênero em que a sexualidade se desenrola. O elenco de práticas experimentadas no curso da vida sexual é caracterizado segundo marcas de pertencimento social, afiliação religiosa e regras de conduta prescritas para homens e mulheres. O vínculo dos homens e mulheres com a sexualidade é diferente: as necessidades sexuais masculinas aparecem como mais fortes e menos controláveis pelos sujeitos. A idéia de que a sexualidade é incontrolável é mais difundida no meio popular, bem como a hostilidade frente à homossexualidade. O prolongamento da escolarização nos indivíduos de meio popular promove uma flexibilização da hostilidade frente à homossexualidade, característica dos menos escolarizados. A conjugação de gênero e classe social oferece exemplos distintos segundo os meios sociais. Homens e mulheres populares apresentam mais semelhanças nas atitudes em relação à sexualidade do que homens e mulheres de camadas privilegiadas. Estes últimos se distinguem em relação a vários pontos como representação da atividade sexual, posição frente à homossexualidade, o que nos leva a relativizar a homogeneidade de uma modernização dos valores sexuais que teria ocorrido no Brasil nas últimas décadas nestes setores sociais. Atitude frente ao homossexualismo masculino permanece característica de uma visão tradicional de masculinidade que se mantém entre os homens e que ultrapassa as fronteiras das classes sociais; as mulheres de meios sociais mais favorecidos demonstram-se concordar com uma moralidade sexual bem mais igualitária.

* Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 20-24 de setembro de 2004.

♦ Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

* Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Práticas e normas sexuais de jovens brasileiros*

Maria Luiza Heilborn⁻
Cristiane S. Cabral^S

Introdução

Este artigo visa dar um panorama geral sobre as experiências sexuais na trajetória de vida dos jovens como um todo, bem como descrever o universo das opiniões acerca da sexualidade. Os resultados aqui apresentados dizem respeito à pesquisa «Gravidez na Adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil» (Pesquisa GRAVAD¹). Trata-se de uma pesquisa domiciliar com amostra probabilística estratificada, conduzida entre jovens de ambos os sexos com idades de 18 a 24 anos (n 4634), moradores de três grandes cidades brasileiras: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador.

No Brasil, valores sobre a sexualidade se apoiavam tradicionalmente sobre o catolicismo e sobre um controle comunitário estrito que distinguia radicalmente lugares e representações do masculino e do feminino (Parker, 1991). Atualmente, diversas transformações sociais contribuíram para o enfraquecimento desse quadro normativo: o prolongamento e a difusão maciça da escolarização, as transformações da cena religiosa, a urbanização do país, a aproximação entre as experiências femininas e masculinas (por exemplo, com relação ao acesso à escolarização e ao emprego) e o aumento dos ideais mais igualitários de relação entre os sexos, todas essas mudanças contribuíram para uma

* Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 20-24 de setembro de 2004.

♦ Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

* Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹ O “Gravidez na Adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil” (Projeto Gravad) foi elaborado inicialmente por Maria Luiza Heilborn (IMS, Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Michel Bozon (INED, Paris), Estela Aquino (MUSA/ISC, Universidade Federal da Bahia), Daniela Knauth (NUPACS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Ondina Fachel Leal (NUPACS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). A pesquisa foi realizada pelos três centros de pesquisa: o Programa «Gênero, Sexualidade e Saúde» no Instituto de Medicina Social/UERJ, o Programa de Estudos «Gênero, Mulher e Saúde» do Instituto de Saúde Coletiva/UFBA e o Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde/UFRGS. O grupo de pesquisadores da equipe GRAVAD compreende Maria Luiza Heilborn (coordenadora), Estela Aquino, Daniela Knauth, Michel Bozon, Ceres Victora, Fabíola Rohden, Cecília McCalum, Tania Salem e Elaine Reis Brandão. O consultor estatístico é Antonio José Ribeiro Dias (IBGE). A pesquisa é financiada pela Fundação Ford e conta com apoio do CNPq.

diversificação das condutas. Construímos uma hipótese mais geral em relação à função dos valores e normas sexuais: mais do que ser injunções, que dizem o que é o certo ou o errado, o que deve ser feito e o que deve ser interdito, as normas sexuais servem hoje de guia de interpretação dos comportamentos, auxiliando os indivíduos a se orientar e tomar decisões nas situações complexas. A multiplicidade das mudanças incita a examinar as atitudes em relação à sexualidade caso a caso, sem dissimular as contradições aparentes, ao invés de elaborar uma escala mais geral e simples da modernidade (versus tradicionalismo) dos costumes. No contexto da pesquisa GRAVAD, cujo foco são os comportamentos sexuais e reprodutivos, um conjunto de questões buscou descrever as atitudes diante de temas relativos à sexualidade bem como trazer elementos que permitissem descrever o cenário das relações de gênero em que a sexualidade se desenrola. Pode-se dizer que essas mudanças concernem a todos os meios sociais, ou existem setores que não são afetados? Em que medida as atitudes e normas sexuais, em um contexto mais propenso a ideais igualitários, são sistematicamente diferentes dos princípios tradicionais?

Elenco de práticas sexuais

As pesquisas com abordagens sociológicas sobre sexualidade buscam descrever a maneira pela qual as pessoas, segundo gênero e outras características sociais, apresentam peculiaridades quanto às práticas sexuais, acompanhando a premissa do caráter social da sexualidade. O elenco de práticas experimentadas no curso da vida sexual aponta para marcas de pertencimento social, afiliação religiosa e, sobretudo, às regras de conduta prescritas para homens e mulheres. As análises apresentadas nesta seção foram feitas a partir do grupo de jovens que se declararam sexualmente iniciados (n=4046).

Sobre as práticas sexuais foram colocadas perguntas sobre as formas de intercuro sexual tais como o vaginal, o oral e o anal. Foram feitas perguntas sobre masturbação entre os parceiros bem como sobre contatos sexuais específicos tais como mulheres penetrando por trás seus parceiros (seguindo pistas advindas do material oriundo das entrevistas qualitativas realizadas). As respostas obtidas referiam-se à frequência dos atos, oferecido ao entrevistado as alternativas de *frequentemente*, *algumas vezes*, *raramente* ou *nunca*. Elas foram categorizadas para reconhecimento de adesão a uma prática sexual específica aglutinando as três primeiras alternativas. Propõe-se uma tipologia do repertório sexual experimentado pelos declarantes, opondo uma modalidade *restrita* (apenas intercuro vaginal ou intercuro vaginal e anal) a uma *ampliada* (intercuro vaginal e oral ou intercuro vaginal, oral, e anal). Esta proposta de classificação trabalha com a hipótese de que um código dito *restrito* em termos

de conduta sexual implica uma proponderância de uma certa lógica masculina (tradicional) de organização da sexualidade em que a relação sexual é menos negociada e com menor variação. Em contraposição, um repertório *ampliado* seria caracterizado pela maior intercambialidade dos parceiros bem como por uma conduta sexual mais ativa por parte das mulheres. Esta tipologia acompanha as formulações de Bernstein (1980) para os códigos de linguagem utilizados por diferentes grupos sociais. Ele propõe a oposição restrito versus ampliado como reveladora de traços do capital educacional e visão de mundo dos sujeitos.

A análise do repertório sexual experimentado pelos jovens revela interessantes diferenças entre os centros, assinalando-se que na cidade do Rio de Janeiro os entrevistados apresentam um nível de declaração que indica a presença de um elenco de práticas mais diversificado: 44% dos jovens cariocas declararam já terem tido relações sexuais que envolvessem a prática do sexo vaginal, oral, ao passo que este mesmo tipo de experiência é declarado por 35% dos soteropolitanos. É também no Rio de Janeiro que encontramos o menor percentual em termos de prática sexual exclusivamente vaginal (tabela 1).

O intercurso vaginal é a forma de contato sexual majoritária entre os jovens; as diferenças de declaração entre homens e mulheres são maiores em relação à prática do sexo anal: 58% dos rapazes declaram já terem experimentado as três modalidades de interação sexual (vaginal, oral e anal — que estamos designando aqui como repertório ampliado), enquanto a mesma declaração é proferida por aproximadamente 1/5 das moças (24%). As mulheres declaram em maior proporção um repertório sexual que agrega o sexo oral como prática corrente (56% vs. 28%, mulheres e homens respectivamente). No repertório restrito, apenas 9% dos homens e 17% das mulheres sexualmente iniciados assinalam a prática do sexo vaginal como a única modalidade a qual eles aderem. É surpreendente o baixo índice de declaração tanto de homens como de mulheres relativamente à combinação de sexo vaginal e anal (tabela 1). Trabalhávamos com uma hipótese inicial de que esse tipo de elenco de práticas fosse mais disseminado nessa população. Assim, os resultados encontrados vêm matizar várias representações presentes no imaginário social dos brasileiros a respeito da disseminação do sexo anal enquanto prática regular.

Tabela 1
Distribuição do repertório sexual segundo sexo e cidade
dos entrevistados sexualmente iniciados

	REPERTÓRIO SEXUAL					n	p-valor
	só sexo vaginal	vaginal e oral	vaginal oral anal	vaginal e anal	outros sem vaginal		
SEXO							
Mulheres	16,7	56,3	23,9	0,8	2,3	1975	0,0000
Homens	8,9	28,5	57,7	1,1	3,9	2021	
Total %	12,7	41,8	41,5	0,9	3,1	3996	
CENTRO							
Porto Alegre	14,5	39,8	42,8	1,7	1,3	1311	0,0103
Rio de Janeiro	10,8	41,7	44,2	0,5	2,8	1311	
Salvador	15,3	43,1	35,4	1,4	4,8	1374	
Total %	12,6	41,9	41,5	0,9	3,2	3996	

O sexo vaginal constitui-se enquanto prática exclusiva sobretudo entre aqueles que se situam entre os estratos sociais mais desfavorecidos, o que é analisado a partir da variável proxy utilizada² *nível de escolaridade da mãe*: 13% dos homens e 23% das mulheres cujas mães têm até o primeiro grau declaram o sexo vaginal como prática exclusiva; estes valores decrescem para 3% e 7% nas declarações de jovens cujas mães têm nível superior de escolaridade. Observa-se um gradiente presente entre os homens e as mulheres no que tange à maior declaração relativa ao repertório que inclui sexo oral. Assim, a declaração sobre sexo vaginal e oral corresponde a 1/4 entre os homens e 1/2 entre as mulheres cujas mães têm até o primeiro grau e, aumentando significativamente para aqueles jovens cujas mães têm nível superior de escolaridade (tabela 2). Este gradiente não é observado em relação ao repertório ampliado que inclui a prática do sexo anal.

² A variável *nível de escolaridade da mãe* é uma variável simples e utiliza em muitas pesquisas como um proxy para situar o meio social da família dos jovens.

Tabela 2
Distribuição do repertório sexual segundo nível de escolaridade da mãe e sexo do entrevistado ³/₄ jovens sexualmente iniciados

ESCOLARIDADE DA MÃE (3 grupos)		REPERTÓRIO SEXUAL					n
		só sexo vaginal	vaginal e oral	vaginal oral anal	vaginal e anal	outros sem vaginal	
Mulheres	Até 1º grau	22,5	49,7	23,8	1,1	2,9	1169
	2º grau (inc./completo)	5,9	68,1	24,3	0	1,8	412
	Superior (inc./completo)	6,7	67,9	24,3	0,3	0,7	382
	Total	16,7	56,2	23,9	0,8	2,4	1963
Homens	Até 1º grau	12,6	25	56	1,7	4,7	1126
	2º grau (inc./completo)	2,6	33	61,9	0	2,5	468
	Superior (inc./completo)	3,1	36,1	58,3	0,5	2,1	421
	Total	8,9	28,5	57,7	1,1	3,8	2015

*p-valor=0,0000.

Os dados demonstram que este tipo de distribuição não se altera com a escolaridade do informante: a prática exclusiva do sexo vaginal é declarada sobretudo por aqueles que possuem baixos níveis de escolaridade (1º grau incompleto ou completo), principalmente pelas mulheres: 15% dos rapazes e 33% das moças que possuem até o primeiro grau completo. Há também um gradiente em relação à escolaridade e a prática do sexo vaginal e oral, cuja declaração aumenta no mesmo sentido em que da escolaridade dos informantes, sejam eles homens ou mulheres (17% dos homens e 36% das mulheres com 1º grau incompleto vs. 38% dos homens e 68% das mulheres com nível superior incompleto/completo). Este gradiente nos leva a dizer que as práticas sexuais envolvendo contatos com a boca se tornam mais aceitáveis conforme se move na *hierarquia social*. Em outras palavras, a escolaridade dos informantes, homens ou mulheres, atua no sentido de ampliar o leque de experimentação das práticas sexuais (tabela 3).

Tabela 3
Distribuição do repertório sexual segundo nível de escolaridade e sexo do entrevistado
¾ jovens sexualmente iniciados

ESCOLARIDADE DO ENTREVISTADO		REPERTÓRIO SEXUAL					n
		só sexo vaginal	vaginal e oral	vaginal oral anal	vaginal e anal	outros sem vaginal	
Mulheres	1º grau inc.	33,3	35,6	24,7	2,1	4,3	410
	1º grau comp.	19,3	55,8	21,5	0,6	2,8	468
	2º grau (inc./completo)	11,9	62,6	24,1	0,4	1,1	579
	Superior (inc./completo)	4,4	67,9	27,1	0	0,7	488
	Total	16,9	56	24,1	0,7	2,2	1945
Homens	1º grau inc.	14,9	16,9	56,6	2,9	9,5	474
	1º grau comp.	8,9	30,7	56,3	1,5	2,6	515
	2º grau (inc./completo)	7,2	31,6	59,2	0,06	1,5	586
	Superior (inc./completo)	2,3	37,8	58	0	1,9	415
	Total	8,9	28,5	57,5	1,1	3,9	1990

*p-valor=0,0000.

Salientam-se não somente alguns dos efeitos das diferenças de gênero no tocante às modalidades de interação sexual mas também o efeito de classe social na aceitabilidade da variação do repertório erótico. Note-se que ocorre um relativo desequilíbrio entre o sexo anal declarado por mulheres e aquele por homens. Há certamente elementos que intervêm na declaração feminina, que poderemos sugerir como uma forma de pudor, que aparece sempre com um nível baixo de respostas das mulheres. A constância da diferença de declaração entre os sexos é reveladora de ausência de mutualidade no exercício da prática do sexo oral, bem como naquela que envolve o sexo anal. O fato notável a assinalar é que, se no momento da iniciação sexual os homens não apresentavam diferenças significativas quanto ao pertencimento de classe, nitidamente quando se trata do elenco de práticas sexuais, este fator tem um peso significativo. Sinalizou-se no capítulo 5 que a iniciação sexual constituía-se para os homens como uma passagem inicial para a aquisição do status de virilidade (Heilborn, 1999). Essa marca salienta a importância da ideologia de gênero no que concerne o masculino; contudo, a sequência da vida sexual apresetta muitos matizes, fazendo sobressair as condições sociais como escolaridade como produtoras de diferenças.

Há que se considerar ainda os efeitos da trajetória como fator relevante para a ampliação do elenco de práticas experimentadas pelos jovens. Observa-se nesse caso que o fato de ter tido apenas um parceiro aproxima a experiência masculina da feminina. Além

disso, o maior número de parceiros aumenta de maneira significativa a possibilidade de diversificação, em particular no caso dos homens quando se observa a maior declaração em relação ao repertório sexual que integra a prática do sexo anal (dados não apresentados).

Outro elemento de trajetória biográfica — número de relacionamentos de 3 meses ou mais que incluíse sexo — também produz diferenças quanto à diversidade do repertório sexual (tabela 4). Em primeiro lugar, ressalta-se o comportamento inverso observado entre homens e mulheres em relação aos relacionamentos eventuais (referimo-nos como aqueles que incluem intercurso sexual e têm duração menor do que 3 meses): em que pese o fato de ser apenas 11% dos homens e 3% de mulheres que manifestaram terem tido somente este tipo de relacionamento em sua trajetória afetivo-sexual, a declaração sobre repertório sexual é bastante díspar entre ambos. Eles experimentam práticas sexuais mais diversificadas ao passo que elas passam por experiências mais restritas: 17% deles e 49% delas declaram como prática o sexo vaginal exclusivo; inversamente, 33% deles e 12% delas declaram como prática a tríade sexo vaginal, oral e anal. Contudo, vale lembrar a diferença de declaração masculina e feminina em relação ao sexo anal: as proporções mais expressivas entre as mulheres são aquelas que incluem o sexo vaginal e o oral enquanto que para os homens, destaca-se o repertório composto pelas práticas de sexo vaginal, oral e anal. É como se esta diferença de declaração sobre o sexo anal nos permitisse concluir que o repertório ampliado das mulheres é o vaginal e o oral enquanto que o dos homens integra as três modalidades aqui consideradas.

Esta diferença também está expressa quando cotejamos o intervalo de tempo decorrido desde a iniciação sexual do(a) jovem e o momento em que ele(a) participou do inquérito. Assim, a prática exclusiva do sexo vaginal é inversamente proporcional ao intervalo de tempo decorrido desde a iniciação sexual, ou seja, ela decresce conforme aumenta o tempo de vida sexualmente ativo tanto para homens quanto para mulheres (tabela 4). Já a prática do sexo anal, vaginal e oral aumenta na mesma direção em que cresce tal período: 24% dos homens e 10% das mulheres haviam experimentado um repertório ampliado de práticas sexuais num intervalo de até 1 ano da primeira relação sexual; estes valores aumentam para 71% e 38%, respectivamente, quando este espaço de tempo corresponde a sete anos ou mais. Portanto, o maior número de parceiros sexuais bem como o tempo de experimentação sexual concorrem para uma maior diversificação das práticas sexuais, vindo confirmar a natureza processual do aprendizado da sexualidade.

Tabela 4
Distribuição do repertório sexual segundo número de relacionamentos de 3 meses ou mais com sexo, tempo de vida sexualmente ativa e sexo do entrevistado

Número de relacionamentos de 3 meses e mais com sexo*		REPERTÓRIO SEXUAL					n
		só sexo vaginal	vaginal e oral	vaginal oral anal	vaginal e anal	outros sem vaginal	
Mulheres	sexo sem relacionamento	49,5	33,9	12,6	0,9	3,2	39
	1 relacionamento	22,3	54,4	19,9	0,8	2,6	938
	2 relacionamentos	11,5	56,5	27,9	1,1	2,7	584
	3 a 5 relacionamentos	7,1	62,8	28,9	0,3	0,9	384
	6 relacionamentos e mais	0,0	75,3	24,7	0,0	0,0	22
Homens	sexo sem relacionamento	17,3	36,0	32,7	1,8	12,2	237
	1 relacionamento	12,9	36,1	46,3	1,2	3,5	572
	2 relacionamentos	10,4	31,2	55,5	1,7	1,3	425
	3 a 5 relacionamentos	3,3	21,9	70,7	0,5	3,6	625
	6 relacionamentos e mais	3,5	15,0	78,7	1,1	1,7	140
Tempo de vida sexualmente ativa*							
Mulheres	Até 1 ano	29,3	57,0	9,7	0,6	3,3	255
	2 a 3 anos	18,6	56,6	20,8	1,1	2,9	539
	4 a 6 anos	13,7	59,1	24,8	0,7	1,7	790
	7 anos e mais	11,8	48,0	38,0	0,5	1,6	386
Homens	Até 1 ano	14,7	50,2	23,5	1,4	10,2	97
	2 a 3 anos	15,6	44,3	34,3	1,6	4,1	423
	4 a 6 anos	7,2	27,2	61,5	0,8	3,3	831
	7 anos e mais	6,0	18,0	71,3	1,1	3,6	663

*p-valor = 0.0000.

O fato de estar casado ou vivendo maritalmente com alguém também traz diferenças em relação ao repertório sexual experimentado para homens e mulheres. As moças casadas declaram práticas mais restritivas do que as solteiras: 23% das primeiras e 14% das segundas declaram a prática exclusiva do sexo vaginal e, 47% e 60% respectivamente, declaram a prática do sexo vaginal e oral em seu repertório sexual. Esta situação aparece de modo invertido para os rapazes pois desta vez são os casados os que experimentam práticas menos restritivas: por exemplo, 69 % dos casados e 55% dos solteiros aderem ao repertório sexual ampliado (vaginal, oral e anal). Todavia, não há como saber se a experimentação do sexo anal ocorre com parceiras eventuais ou fixas.

A religião também desempenha um papel de relevo no que concerne o repertório sexual experimentado. Os pentecostais, sejam eles criados ou freqüentadores atuais desta religião, aparecem como os menos propensos à maior variação no repertório erótico, destacando-se as mulheres. Em contraposição, são os católicos e os espíritas que declaram terem experimentado maior número de práticas. Podemos concluir, pelo confronto entre os indicadores de mobilidade religiosa, que o perfil do elenco sexual mantém-se muito próximo àquele declarado a partir da religião em que foi criado (dados não apresentados).

A declaração da prática de masturbação apresenta alguns traços interessantes no que toca os gêneros, e um diferencial se apresenta em vários quesitos relativos a essa prática. Entre as mulheres, 1/4 declara jamais ter experimentado alguma vez a masturbação com parceiro, enquanto que o mesmo é declarado por 1/10 dos homens. Antes da iniciação sexual, a experiência da masturbação é conhecida por apenas 15% das mulheres enquanto que os rapazes declaram-na em um percentual de 79%, assinalando que a vivência da sexualidade masculina antes da iniciação sexual com parceira passa pela manipulação erótica do próprio corpo. Para as mulheres, a entrada na vida sexual não representa uma incorporação significativa da masturbação em sua trajetória. A literatura (Béjin, 1993) assinala que a declaração dessa prática permanece problemática de ser enunciada. Em nossos dados, observamos que a declaração sobre masturbação está presente sobretudo entre as mais escolarizadas (dados não apresentados).

OS VALORES RELATIVOS A SEXUALIDADE

Na pesquisa GRAVAD, as questões acerca de atitudes sobre sexualidade foram colocadas em uma parte do questionário de modo que todos os jovens entrevistados tivessem a oportunidade de respondê-las.

Sexualidade e conjugalidade ¾ Atitudes em relação à fidelidade

A pergunta sobre “quando se está numa relação afetiva com uma pessoa, é aceitável fazer sexo com outras pessoas” poderia ser respondida através de 4 possibilidades: só os homens podem, só as mulheres podem, homens e mulheres podem, e não é aceitável tal possibilidade. A norma de fidelidade ao parceiro afetivo ou conjugal continua sendo aprovada maciçamente: 80% dos homens e 90% das mulheres concordam em dizer que relações sexuais devem ser exclusivas ao relacionamento estável (tabela 5). As diferenças entre homens e mulheres são inexpressivas: apenas 6% dos homens (1% das mulheres)

declaram que apenas os homens têm o direito de ser infiéis, e 14% dos homens (10% das mulheres) afirmam que os homens, bem como as mulheres, podem ter relações extraconjugais. Não há diferenças entre as camadas sociais nem tampouco, de forma surpreendente, em função da filiação religiosa: católicos, pentecostais e pessoas que declararam não ter religião aderem à norma de fidelidade nas mesmas proporções. A relação estabelecida pelos jovens (como pelo conjunto da população) entre conjugalidade e exclusividade sexual foi reforçada, mais do que enfraquecida, pelas evoluções sociais recentes. Existe uma grande convergência naquilo que pode aparecer como uma declaração de princípio, relativamente independente das experiências sexuais concretas das pessoas.

Uma questão sobre a natureza da atividade sexual (*opinião sobre o sexo*) confirma as convergências entre homens e mulheres, mas fazem sobressair algumas diferenças sociais (tabela 5). As diferenças de opinião segundo o sexo não são muito grandes: a interpretação individualista da sexualidade (*uma fonte de prazer e de satisfação pessoal*) e a interpretação conjugal/relacional (*uma prova de amor pelo/a parceiro/a*) são similarmente escolhidas, tanto pelos homens quanto pelas mulheres. A opção *fisicalista* (naturalista) (*o sexo é uma necessidade física como a fome ou a sede*) é escolhida por uma minoria, tendo uma ligeira preferência masculina (16% contra 9% das mulheres). Contudo, há diferenças entre os grupos sociais, analisados a partir da escolaridade da mãe. Enquanto no meio popular homens e mulheres têm atitudes próximas, mais "conjugais", os indivíduos de meio mais abastado aderem mais à representação individualista, sem a convergência, no entanto, das atitudes femininas e masculinas: a opinião conjugal se mantém importante para as mulheres (e entre os homens se dilui) e são os homens dessas camadas sociais que optam pela interpretação naturalista da sexualidade. Aliás, existem diversos elementos que denotam uma inesperada pouca adesão a um ideário mais simétrico relativamente ao gênero entre os homens jovens mais escolarizados. A filiação religiosa tem mais efeito sobre as representações masculinas da sexualidade do que as das mulheres: os homens pentecostais se referem mais freqüentemente à opção conjugal, enquanto os homens que abandonaram o catolicismo ou o pentecostalismo a citam sensivelmente menos (resultados não apresentados). De forma mais geral, pode-se dizer que homens e mulheres diferem pouco em relação aos laços que estabelecem entre sexualidade e conjugalidade.

Tabela 5
Opinião sobre infidelidade e sexo segundo
nível de escolaridade da mãe e sexo do entrevistado

	Quando numa relação afetiva, é aceitável fazer sexo com outras pessoas?	NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE (%)					TOTAL
		Não declarado	Primeiro incompleto	Primeiro completo	Segundo completo	Superior	
Mulheres	Só os homens podem	6,4	1,3	0,2	0,01	0,0	0,9
	Só as mulheres podem	0,9	0,04	0,0	0,4	0,03	0,1
	Homens e mulheres podem	8,2	10,5	9,5	9,8	7,5	9,6
	Não, não é possível	84,5	88,2	90,3	89,8	92,5	89,4
	n	99	922	385	532	487	2425
	p-valor=0.0000						
Homens	Só os homens podem	2,9	6,9	2,3	9,0	5,6	6,0
	Só as mulheres podem	0,4	0,6	0,0	,3	0,0	0,3
	Homens e mulheres podem	15,0	13,3	14,9	16,3	11,64	14,1
	Não, não é possível	81,7	79,2	82,8	74,3	82,74	79,5
	n	132	738	346	499	457	2172
	p-valor = 0.1847						
Opinião sobre sexo							
Mulheres	O sexo é uma necessidade física como a fome e a sede	17,0	9,8	8,4	9,0	7,7	9,4
	O sexo é uma prova de amor pelo parceiro/a	47,0	48,8	47,9	45,3	43,4	47,0
	O sexo é uma fonte de prazer e de satisfação pessoal	35,9	41,5	43,7	45,8	49,0	43,7
	n	98	914	377	525	477	2391
	p-valor= 0.5765						
Homens	O sexo é uma necessidade física como a fome e a sede	9,5	12,5	17,6	21,1	17,0	15,7
	O sexo é uma prova de amor pelo parceiro/a	50,0	55,7	46,3	37,1	32,6	46,2
	O sexo é uma fonte de prazer e de satisfação pessoal	40,5	31,8	36,2	41,8	50,5	38,2
	n	132	734	345	494	441	2146
	p-valor=0.0003						

As percepções acerca da sexualidade: o tema da “necessidade de sexo”

A literatura de orientação antropológica sobre sexualidade no Brasil aponta para um tema muito recorrente sobre o modo de conceber o sexo como algo incontrollável (Carrara, 1995) passível de ser equacionado à idéia de um instinto vital. Em entrevistas com homens

jovens (e sobretudo oriundos dos meios populares) a expressão: “estar na necessidade” exprime de forma condensada essa percepção de uma urgência sexual aludindo à virilidade (Heilborn, 1999). Tal idéia não seria incongruente com a própria tradição católica, que admite, como se sabe, a idéia de um pecado original, de um descontrole inicial. Assim, decidimos propor questões que pudessem trazer elementos sobre essa representação, que nos permitissem avaliar possíveis conexões com uma concepção espontaneísta acerca da sexualidade na cultura brasileira. Esta formulação é passível de ser observada nas declarações de que o primeiro relacionamento sexual não era esperado acontecer na ocasião em que ocorreu (dados não apresentados)³. A representação espontaneísta da sexualidade pode ser em parte explicada através de uma fraca reflexividade em face das relações sexuais na sociedade brasileira. No contexto de uma comparação sobre o início das relações sexuais em Paris e no Rio de Janeiro (Bozon e Heilborn, 1996) foi desenvolvida a idéia de que o processo civilizatório (Elias, 1990) no Brasil teria tomado rumos peculiares quando comparado ao modelo clássico francês, em particular no que se refere a uma menor apagamento do corpo nos contextos de interação pública e no controle menos interiorizado das emoções. Nesse contexto (tradicional) cabia às mulheres uma gestão dos avanços sexuais masculinos em nome da manutenção de uma honra feminina. Essas características da cultura brasileira permanecem modelando as atitudes acerca da sexualidade entre os jovens.

Tais questões mais explícitas sobre a natureza da necessidade sexual fizeram surgir clivagens bem demarcadas entre homens e mulheres. A grande maioria dos homens acredita que o desejo sexual é pouco controlável, ao inverso das mulheres, que pensam que o desejo de ter relações sexuais pode ser controlado por muito tempo (tabela 6). Curiosamente, mais homens do que mulheres estimam que homens e mulheres têm as mesmas necessidades sexuais, enquanto que as mulheres estimam, em sua maioria, que os homens têm mais necessidades sexuais que elas (tabela 6). A possibilidade de controlar ou não o desejo sexual é apreciada de forma diversa em função do meio social. Nos setores populares, a representação do desejo sexual incontrolável ou de pouco controle é mais difundida, entre homens e mulheres. Apenas as mulheres de meios mais privilegiados estimam, em sua maioria, que o desejo pode ser controlado durante muito tempo, ponto sobre o qual divergem fortemente dos homens de seu meio. E aqui encontramos mais um aspecto inesperado da visão de mundo dos homens mais escolarizados. Trabalhamos com a hipótese de que a maior escolarização é indicadora de um maior grau de reflexividade e propensão socialmente

³ Os homens diante da questão afirmam que desejavam que “a primeira relação ocorresse logo” e as mulheres declaram que “não pensavam muito no assunto”.

adquirida para a problematização. Uma das direções da modernização dos costumes no país foi a difusão ainda que parcial de um ideário de maior simetria nas relações de gênero. Contudo entre homens dos meios mais privilegiados, as concepções sobre uma sexualidade masculina ativa e incontrolável ocupam um lugar de destaque. Essas formulações, que revelam um certo arcaísmo, não parecem derivar somente de uma ideologia de gênero no que toca à masculinidade, mas também de uma lógica de classe social, na qual os homens que se encontram no topo da pirâmide social podem exibir certa indiferença a determinadas idéias tidas como preconceituosas (Bourdieu, 1995). Os dados parecem mostrar que no estrato mais privilegiado ocorre uma associação perversa entre dominação masculina e de classe, uma reforçando a outra. Já foi apresentado em outro lugar (Bozon et al., 2003) que os homens possuidores de nível superior contam como certo que as mulheres vão se proteger de uma gravidez no momento de um primeiro relacionamento sexual, o que os leva a não tratar do assunto com suas parceiras antes do ato, embora o uso de contraceptivos entre as mulheres escolarizadas seja bastante alto (83%).

As mulheres de todas as camadas sociais acreditam que os homens têm mais necessidade sexual que as mulheres e esta convicção se exprime de forma mais intensa nos meios populares. Entre os homens dos setores populares, a idéia de uma igualdade de necessidades entre uns e outros é minoritária. Contudo, cabe assinalar que certo percentual de homens desses meios estimam que as necessidades femininas são mais fortes. O igualitarismo de princípios passa a ser dominante entre os homens dos meios privilegiados, mas tal idéia apresenta em outros indicadores elementos de contradição. Na representação comum o desejo sexual continua a ser a marca do signo masculino e as necessidades femininas em relação à sexualidade são consideradas como muito mais moderadas. A esta representação tradicional as mulheres tendem a aderir mais que os homens.

Tabela 6
Opinião sobre possibilidade de controle da vontade de ter sexo e necessidade de sexo
segundo nível de escolaridade da mãe e sexo do entrevistado

É possível controlar a vontade de ter sexo?	NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE (%)					Total	
	Não declarado	Primeiro incomplet	Primeiro completo	Segundo completo	Superior		
Mulheres	Sim, por muito tempo	39,6	47,0	52,2	58,3	66,4	53,0
	Sim, por pouco tempo	45,3	42,3	40,8	37,8	29,3	39,4
	Não, não é possível	15,2	10,3	7,0	3,9	4,4	7,7
	n	95	906	376	525	476	2378
	p-valor=0.0002						
Homens	Sim, por muito tempo	20,7	20,7	35,6	28,9	38,4	27,7
	Sim, por pouco tempo	49,1	57,5	53,4	58,1	48,9	55,0
	Não, não é possível	30,6	21,7	11,0	13,06	12,7	17,4
	n	132	736	342	492	452	2154
	p-valor =0.0001						
Quanto à necessidade de sexo você acha que:							
Mulheres	Homens têm muito mais necessidade do que as mulheres	53,9	41,0	36,8	32,7	18,4	35,6
	Homens têm um pouco mais necessidade do que as mulheres	20,2	19,3	22,3	21,7	33,7	22,6
	Homens e mulheres têm a mesma necessidade	22,9	36,9	40,2	43,8	47,4	39,9
	As mulheres têm um pouco mais necessidade	3,1	2,4	0,3	1,0	0,6	1,5
	As mulheres têm muito mais necessidade	0,0	0,5	0,6	0,7	0,0	0,5
	n	97	918	384	532	484	2415
	p-valor = 0.0000						
Homens	Homens têm muito mais necessidade do que as mulheres	20,4	28,08	28,5	24,2	19,6	25,4
	Homens têm um pouco mais necessidade do que as mulheres	18,0	16,9	13,5	19,6	20,0	17,5
	Homens e mulheres têm a mesma necessidade	51,4	47,7	48,8	52,9	57,2	50,7
	As mulheres têm um pouco mais necessidade	7,6	3,8	2,8	1,5	3,2	3,3
	As mulheres têm muito mais necessidade	2,7	3,5	6,3	1,9	0,06	3,0
	n	130	730	343	499	454	2156
	p-valor = 0.0320						

Homossexualidade e masturbação

Foram propostas questões sobre as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo (tabela 7) e a masturbação, de homens e mulheres (tabela 8). Sobre a homossexualidade masculina e feminina, as mulheres manifestam uma atitude muito mais aberta que os homens: 49% deles condenam os homossexuais (concordam com a proposição *Essas pessoas não têm vergonha*, ou *Essas pessoas são doentes*). Os homens são ligeiramente mais tolerantes com relação à homossexualidade feminina do que frente à masculina. Diferenças entre as cidades, que não apareceram em relação aos outros temas, surgiram sobre este ponto: 53% dos homens de Salvador condenam a homossexualidade masculina contra 28% de Porto Alegre (e entre as mulheres, 33% e 20% respectivamente — dados não apresentados). As diferenças de atitude segundo o meio social são muito marcadas. A aceitação, no meio popular, é menor, tanto entre os homens quanto entre as mulheres, ao passo que aproximadamente 90% das mulheres dos meios mais abastados têm uma atitude mais aberta, partilhada por apenas 69% dos homens do mesmo meio social: novamente aparece um duplo padrão nos meios mais privilegiados. É particularmente notável entre os indivíduos pertencentes ao estrato superior a escolha pela resposta que caracteriza a homossexualidade masculina como uma doença (22,7% de homens contra 7,3% por parte das mulheres). Observa-se, enfim, que as atitudes de hostilidade à homossexualidade masculina são mais frequentes entre os pentecostais, homens e mulheres. Em contrapartida, são os católicos que abandonaram a religião que se mostram mais abertos em relação à homossexualidade. As católicas de origem católica e as mulheres sem religião exibem uma posição bastante tolerante (dados não apresentados).

Pode-se interpretar as reações negativas à homossexualidade masculina (e feminina) como o signo de uma crença mais geral face às redefinições dos limites da masculinidade e da feminilidade: segundo esta hipótese, os homens se sentiriam mais "ameaçados" do que as mulheres. É interessante constatar que a masturbação masculina, muito banalizada entre os homens, continua a suscitar a condenação moral de um quarto das mulheres (que concordam com a proposição: *é um vício*), assim como a masturbação feminina (condenada por 28% das mulheres). A questão sobre a aceitabilidade da masturbação feminina é uma das que mais recebeu "sem resposta" (6,2% entre as mulheres), o que traduz um mal estar em lidar com este tipo de questão. As diferenças sociais são muito marcadas entre os homens e entre as mulheres: a idéia segundo a qual a masturbação é um vício ou, a rigor, uma prática reservada para aqueles que não possuem parceiro sexual é mais comum nas camadas populares, enquanto três quartos de homens e mulheres de meios abastados a consideram como uma prática banal em qualquer circunstância. A masturbação é enfim fortemente condenada entre

os pentecostais, homens e mulheres, ainda que suscite uma indiferença entre os católicos. As mulheres pentecostais em geral se mostram fortemente contrárias à masturbação, assimilando tal prática à um vício (51% de pentecostais/pentecostais em contraste com 28% das católicas/católicas. O incômodo ou a hostilidade que provoca a masturbação traduz uma recusa, hoje em dia residual, de uma atividade sexual que apenas se inscreveria de forma restrita no seio de uma relação. Béjin (1993) já assinalou no contexto dos resultados sobre o comportamento sexual dos franceses (SPIRA, 1993) de que maneira as mulheres tenderiam a subdeclarar a prática da masturbação como reveladora dessa apreciação mais relacional da sexualidade.

Tabela 7
Opinião sobre homossexualidade masculina e feminina segundo nível de escolaridade da mãe e sexo do entrevistado

Quanto aos homens que transam com homens, você acha que:		NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE (%)					Total
		Não declarado	Primeiro incompleto	Primeiro completo	Segundo completo	Superior	
Mulheres	Essas pessoas podem transar com quem desejam	39,0	64,1	79,0	79,0	90,0	72,6
	Essas pessoas não têm vergonha	26,8	15,1	8,0	7,2	2,6	10,9
	Essas pessoas são doentes	34,3	20,8	13,0	13,8	7,4	16,6
	n	97	895	368	523	468	2351
	p-valor =0.0000						
Homens	Essas pessoas podem transar com quem desejam	35,8	39,9	55,9	61,0	69,1	51,3
	Essas pessoas não têm vergonha	27,3	24,8	13,8	14,0	8,2	18,3
	Essas pessoas são doentes	36,9	35,3	30,3	25,0	22,7	30,5
	n	131	723	339	491	445	2129
	p-valor =0.0000						
Quanto às mulheres que transam com mulheres, você acha que:							
Mulheres	Essas pessoas podem transar com quem desejam	41,2	61,3	78,0	77,6	89,0	71,0
	Essas pessoas não têm vergonha	29,9	17,5	9,1	7,7	5,7	12,3
	Essas pessoas são doentes	27,9	21,2	12,9	14,7	8,3	16,7
	n	97	896	370	523	467	2353
	p-valor = 0.0000						
Homens	Essas pessoas podem transar com quem desejam	40,2	42,4	58,5	63,8	73,7	54,4
	Essas pessoas não têm vergonha	23,7	25,6	14,8	13,1	9,0	18,4
	Essas pessoas são doentes	36,1	32,0	26,8	23,2	17,3	27,3
	n	130	725	339	493	445	2132
	p-valor = 0.0000						

Tabela 8
Opinião sobre masturbação masculina e feminina segundo nível de escolaridade da mãe e sexo do entrevistado

	Você acha que a masturbação para homens:	NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE (%)					TOTAL
		Não declarado	Primeiro incompleto	Primeiro completo	Segundo completo	Superior	
Mulheres	É uma prática que se faz quando se está sem parceiro/a	17,4	22,7	16,1	12,3	10,6	17,3
	É uma prática comum, mesmo tendo parceiro/a	43,7	46,1	56,8	65,2	75,6	56,6
	É um vício	38,9	31,2	27,0	21,8	13,9	26,1
	n	91	887	370	515	472	2335
	p-valor = 0.0000						
Homens	É uma prática que se faz quando se está sem parceiro/a	30,2	24,8	23,7	21,5	12,6	22,4
	É uma prática comum, mesmo tendo parceiro/a	50,8	51,5	56,8	61,6	74,4	58,1
	É um vício	19,0	23,7	19,5	16,9	13,0	19,5
	n	128	725	343	493	452	2141
	p-valor = 0.0085						
	Você acha que a masturbação para mulheres:						
Mulheres	É uma prática que se faz quando se está sem parceiro/a	22,0	22,4	19,1	14,3	14,3	18,9
	É uma prática comum, mesmo tendo parceiro/a	28,5	65,3	50,2	57,9	77,2	48,8
	É um vício	49,5	42,3	30,6	57,8	8,4	32,4
	n	89	859	340	492	440	2220
	p-valor = 0.0000						
Homens	É uma prática que se faz quando se está sem parceiro/a	42,4	32,9	32,1	25,2	25,1	30,7
	É uma prática comum, mesmo tendo parceiro/a	40,8	41,3	52,0	58,9	67,1	50,7
	É um vício	16,9	25,8	15,9	15,8	7,8	18,7
	n	119	709	330	466	417	2041
	p-valor = 0.0000						

O contexto relacional / a negociação sexual

A atividade sexual com parceiro demanda um ajuste de vontades, de preferências e disposição para o encontro sexual. Contudo, o desenrolar dessa interação está marcada por definições culturalmente situadas fora do domínio sexual propriamente dito que trazem definições sobre os gêneros que informam a negociação entre parceiros. Assim, a análise das percepções que os jovens entrevistados têm a respeito das negociações em torno da relação sexual são fortemente reveladoras do quadro das relações de gênero que informa o exercício da sexualidade heterossexual. Na população amostrada e sexualmente iniciada (n=4034), um conjunto de questões foi proposto para buscar discernir esse cenário. Perguntas colocadas sobre vontade de fazer sexo com o parceiro revelam respostas marcadamente diferentes entre homens e mulheres. Como resultado geral, destaca-se uma ideologia em torno da masculinidade que assevera uma disposição masculina permanente para a atividade sexual⁴. É particularmente notável que as diferenças entre o pertencimento social não produzam efeitos significativos entre os homens enquanto o fazem junto às mulheres. Sobressai a diferença no grupo privilegiado o contraste entre homens (49%) e mulheres (19%) quando declaram jamais ter existido da parte do entrevistado uma situação em que ele /ela não tivesse interesse em fazer sexo (dados não apresentados).

No caso de discordância entre os parceiros no desejo de ter relações sexuais, os homens declaram de modo muito expressivo (75%) do que de mulheres (24%) a situação de desejar fazer sexo e a parceira não. As respostas femininas colocam em evidência dois elementos: de uma lado a dificuldade de declarar sua iniciativa no domínio sexual e, de outro lado, a confirmação de que o desejo de ter relações sexuais pertence sobretudo aos homens (dados não apresentados).

Em definitivo, a paisagem normativa exhibe atualmente uma grande complexidade. De forma geral, as mesmas normas se aplicam aos homens e às mulheres no que o toca o tema da fidelidade com o parceiro ou as posições frente à homossexualidade ou a masturbação feminina ou masculina. Contudo, o vínculo dos homens e mulheres com a sexualidade permanece percebida (por homens e mulheres) como diferente, em que as necessidades sexuais masculinas aparecem como mais fortes e menos controláveis. As normas e representações da sexualidade se organizam diferentemente segundo o meio social e igualmente, em menor grau, segundo as filiações religiosas. Em decorrência da forte

⁴ Neste tópico não se apresentam diferenças significativas nas respostas obtidas em cada cidade.

reprodução social presente no país as trajetórias escolares individuais se encontram estreitamente ligadas às origens sociais de seus familiares. Entretanto, existe uma pequena mobilidade educativa no meio popular, ligada ao crescimento da escolarização. Os indivíduos de meio popular que desfrutaram de uma educação mais prolongada manifestam posições mais abertas em relação à homossexualidade do que aqueles indivíduos do mesmo meio social que apresentam um baixo nível de escolaridade.

A idéia de que a sexualidade é incontrolável ou pouco controlável é muito mais difundida no meio popular, bem como a hostilidade frente à homossexualidade. O pentecostalismo, religião em expansão no Brasil, se distingue por seu fundamentalismo em matéria de moral sexual (ex.: recusa da masturbação) enquanto os católicos e os que se declaram sem religião são mais tolerantes diante destes temas. Entre homens e mulheres do meio popular existem normalmente semelhanças nas atitudes em relação à sexualidade. Já entre homens e mulheres de camadas mais privilegiadas se distinguem em relação a vários pontos (ex.: representação da atividade sexual, atitude frente à homossexualidade), o que nos leva a relativizar a homogeneidade de uma modernização dos valores sexuais. A atitude frente ao homossexualismo masculino permanece característica de uma visão tradicional de masculinidade que se mantém entre os homens e que ultrapassa as fronteiras das classes sociais; as mulheres de meios sociais mais favorecidos mostram serem bem mais afetadas pela modernização dos costumes sexuais.

Bibliografia:

- BÉJIN, Andre. 1993. La masturbation féminine: un exemple d' estimation et d' analyse de la sous-déclaration d' une pratique. *Population*, ano 48, nº 5 [1437-1450].
- BERNSTEIN, Basil. Casse social, sistemas de linguagem e psicoterapia. In: FIGUEIRA, S. (org.) *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 20, 1995.
- BOZON, Michel et groupe Gravad. *Sexualité juvénile, contraception et rapports de genre. Spontanéité et déséquilibres entre partenaires à l'initiation sexuelle au Brésil*. Mimeo. 2003.
- BOZON, Michel, HEILBORN, Maria Luiza. 1996. Les caresses et les mots: initiations amoureses à Rio de Janeiro et à Paris. In: *Terrain*, nº 27, Paris.
- CARRARA, Sérgio. 1995. *Tributo a Vênus. A luta contra a sífilis no Brasil da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 1995.
- ELIAS, Norbert. 1990. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: Heilborn, M. L. (org.). *Sexualidade: o Olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

PARKER, Richard. 1991. *Bodies, pleasures and passions - sexual culture in contemporary Brazil*. Boston: Beacon Press.

SPIRA, A.; BAJOS, N. et le group ACSF. *Les comportements sexuels en France*. Paris: La Documentation Française, 1993.